
ENTRAMAR HISTÓRIAS CONTANDO-SE PARA O OUTRO: A PRODUÇÃO DE CARTAS PARA NARRAR A PESQUISA EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Graziele Lira¹
Leidiane Macambira²

RESUMO

Este artigo pretende entramar narrativas de duas pesquisadoras que utilizam cartas para expor dúvidas e experiências ao longo de suas escritas. O uso desse dispositivo possibilita dar a ver o que estamos realizando em nossas pesquisas construindo, ao mesmo tempo, uma espécie de escrita de si. Pesquisando sobre educação para as relações étnico-raciais e intrigadas sobre as possibilidades das cartas na escrita acadêmica lançamos o desafio de uma escrita-pensamento que lide com a seguinte questão: Quais os efeitos de se produzir cartas em uma pesquisa no campo da educação? Intentamos neste encontro, dialogar seus desdobramentos e possibilidades no campo da educação para as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Formação de Professores. Relações étnico-raciais. Cartas. Escrita de si.

MIXING STORIES TELLING OTHERS: THE PRODUCTION OF LETTERS TO NARRATE RESEARCH IN EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS

ABSTRACT

This article intends to mix and combine narratives of two researchers that use letters to expose doubts and experiences over their writing. The use of those devices allow the view of what we are carrying out in ours studies building, in the same time, one kind of writing itself. Searching about education for ethnic-racial relations and puzzled about the possibilities of letters on the academical writing we put out the challenge of a writing-thought that dwell with the following issue: what are the effects of producing letters in a survey on the education field? We try, on this meeting, dialog its unfolding and possibilities in the field of education made for ethnic-racial relations.

Keywords: Teacher training. Ethnic-racial relations. Letters. Writing for you.

MISTURAR HISTORIAS CONTAMINANDO AL OTRO: LA PRODUCCIÓN DE CARTAS PARA NARRAR LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN DE LAS RELACIONES ÉTNICO- RACIALES

RESUMEN

Este artículo pretende entramar narrativas de dos pesquisadores que utilizan cartas a fin de exponer dudas y experiencias al largo de sus escritas. El uso de ese dispositivo posibilita mirar lo que

¹ Especialização em Gestão Escolar e Pedagógica. Orientadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Japeri.

² Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense

estamos realizando en nuestras pesquisas construyendo, al mismo tiempo, una especie de escrita de si misma. Investigando acerca de la educación para las relaciones étnico-raciales y desconcertadas acerca de las posibilidades de cartas en la escrita académica lanzamos el desafío de una escrita-pensamiento que trate con la siguiente cuestión: ¿cuales los efectos de producir cartas en una pesquisa en el área de la educación? Intentamos en ese encuentro, hablar acerca de sus desenvolvimientos y posibilidades en el área de educación hecha para las relaciones étnico-raciales.

Palabras-clave: Formación de profesores. Relaciones étnico-raciales. Tarjetas. Escritura de sí.

PUXANDO O FIO....

08 de novembro de 2017

*Querida amiga,
Conversava com uma companheira de escrita e pesquisa sobre nossas experiências com o próprio processo de pesquisar. Falávamos dos momentos de falta de criatividade, travamentos... Percebemos então a importância da carta em nossas vidas. O ponto de coesão entre nós foi a escrita de cartas como recurso de linguagem que nos possibilitou a narrar o que vimos fazendo em nossas pesquisas.*

Diante dessa “constatação” surgiram algumas perguntas. E, nestas gostaríamos de nos debruçar na escrita deste artigo. Porque escrever cartas? Para quem a endereçamos? Há uma expectativa de que nossos destinatários nos respondam? O que dizer desta linguagem: carta? Existem regras para sua elaboração? Por que a escrita deslanchou após a escolha desta linguagem? Quais os efeitos de se produzir cartas em uma pesquisa no campo da educação?

Leidiane Macambira

O presente artigo pretende entamar narrativas de duas pesquisadoras que utilizam cartas para expor seus desejos, dúvidas, implicações e experiências ao longo de suas escritas. O uso desse recurso de linguagem possibilita dar a ver o que estamos realizando em nossas pesquisas. Construindo, ao mesmo tempo, uma espécie de escrita de si. As duas pesquisas contextualizam-se em tempos diferentes. Uma encontra-se em andamento, vem sendo produzida no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da UFRRJ, pela mestranda Grazielle Lira, e orientada pelo Prof^o. Dr^o Valter Filé. A outra já está concluída. Foi desenvolvida durante o curso de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, a dissertação produzida intitula-se por “Encontrar (se), não ver (se), diferir (se): Platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos” coordenada por Leidiane Macambira e orientada por Prof^ª Dr^a Anelice Ribetto.

Atualmente encontramos-nos mais interligadas ainda. Fazemos parte do

Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídias: relações étnico-raciais na cultura digital (LEAM)³. Uma linha de pesquisa que abriga atividades de ensino, pesquisa e extensão. Grosso modo, podemos dizer que os projetos de pesquisas articulados nesta linha pretendem lidar com as desigualdades produzidas pelas relações étnico-raciais pensando como essas se perpetuam na cultura digital. A fim de desenvolver estudos e pesquisas na área da educação com foco na formação dos professores, nas transformações socioculturais produzidas pelas Tecnologias da informação e comunicação (TICs), nas desigualdades produzidas durante a escolarização, e principalmente nas desigualdades produzidas nas relações étnico-raciais. Logo, o contexto deste texto se dá aí. Duas mulheres, professoras, implicadas com a educação e as desigualdades produzidas nas relações étnico-raciais, desigualdades estas principalmente produzidas por brancos sobre os negros e não brancos. E, que encontraram nas cartas um modo outro de dizer de si em seus processos investigativos.

Ligadas por esse gênero textual e intrigadas sobre suas possibilidades na escrita acadêmica lançamos um desafio de uma escrita-pensamento que nos ajude a lidar com algumas perguntas: Por que escrever cartas? O que dizer desta linguagem? Para quem a endereçamos? Há uma expectativa de que nossos destinatários nos respondam? Existem regras para sua elaboração? Quais os efeitos de se produzir cartas em uma pesquisa no campo da educação? Implicadas com estas perguntas, intentamos neste trabalho, dialogar seus desdobramentos e possibilidades em pesquisas por uma educação para as relações étnico-raciais.

INSPIRAÇÃO: O MÉTODO DA CARTOGRAFIA...

O método que inspira as duas pesquisas é o “método da Cartografia”. Ele foi criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, e, sistematizado por Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia no livro *Pistas do Método da Cartografia*. Nele, compreendemos que a pesquisa é muito mais que apenas seus resultados. Os processos agenciados em seu percurso são fontes ricas para dar a ver as tensões e atravessamentos vividos entre pesquisador(a), sujeitos e campo de pesquisa. Deste modo não há distanciamento entre essas dimensões investigativas, elas estão interligadas e implicadas. Os acontecimentos se dão através de experiências, aqui entendidas com Jorge Larrosa

³ Suas pesquisas e movimentos podem ser acompanhados pelo site:
<<http://estudoseaprontosmultimedia.info/>>

(2014), não como qualquer fato ocorrido, mas sim, aqueles acontecimentos que nos atravessam, nos deslocam e nos transformam. E, cabe ao cartógrafo, acompanhar este processo ao passo que faz seus registros.

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2010, p.17)

Não há uma negação da existência de desejos e objetivos a priori. Contudo, eles não enrijecem a pesquisa a fim de produzir apenas dados que comprovem suas hipóteses ao invés disso, eles propõem acompanhar os processos de uma pesquisa de olho nas pistas que surgem de seu movimento e de sua invenção. Ou seja, as experiências forjadas nesta empreitada podem conduzir a pesquisa a caminhos não programados.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989. p.1)

O cartógrafo, portanto, junto com os sujeitos da pesquisa, seguem essas pistas a fim de produzir outros caminhos investigativos. *Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo.* (ROLNIK, 1989, p.2). Isso demanda inventar outras linguagens que sejam possíveis dar a ver suas experiências. E como em um gesto quase que antropofágico, nos apropriamos de múltiplas linguagens narrativas. Uma delas é a escrita de cartas.

POR QUE ESCREVER CARTAS? PARA QUEM A ENDEREÇAMOS? QUAIS OS EFEITOS DE SE PRODUIR CARTAS EM UMA PESQUISA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO?

Escrever é (...) “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que se recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face a face. (FOUCAULT, 1992, p. 8)

A escrita de cartas foi um exercício encontrado para narrar nossas inquietações e experiências que resistiam caber nos moldes hegemônicos de escrita acadêmica. Moldes estes que pressupõem uma escrita neutralizada e distanciada. A carta, portanto, nos

possibilitou presença. *Uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” aquele a quem a dirige* (FOUCAULT, 1992, p. 7). Proporcionando um face a face, dando a ver, a ouvir e falar modos (outros) de narrar as experiências, de apresentar a pesquisa, de afirmar sua potência narrativa...

Essa escolha – escrever cartas – não traz somente uma dimensão estética, mas reafirma a dimensão política de *tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos* (PASSOS; BARROS, 2014, p. 156). Reafirma a dimensão implicativa do que consideramos ser importante em uma pesquisa em educação.

[...] como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2014, p. 151)

Não há separação... neutralidade... higienização... objetividade... O que temos numa pesquisa que aposte em cartografar processos é produção de subjetividade... invenção... agenciamento... implicação... E para isso precisamos de outras formas de narrar... outros meios que suportem outras línguas, inventadas dentro da própria língua.

ESCRITAS DE SI: NOSSA APROXIMAÇÃO COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Por que trazer para um evento que pretende reunir força de trabalho para discutir as questões atravessadas nas relações étnico-raciais uma pesquisa com cartas? Trazer esta pergunta nos demanda fazer outra, talvez, a pergunta que seja o pano de fundo para o que apostamos enquanto professoras pesquisadoras.

A escrita das cartas nos leva a uma tentativa de compor um encontro com o outro. Pensar em um destinatário faz com que inventemos outra estrutura de ideias para dar a ver as angústias e/ou os intentos da pesquisa em seu íntimo. Como diz Cunha (2002) o uso desse dispositivo pode se constituir uma tática para compartilhar experiências e vivências:

Confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer (CUNHA, 2002, p.166)

Os primeiros leitores de nossas cartas foram/são os integrantes do grupo de

pesquisa, durante as orientações coletivas⁴. Por sabermos quem serão os primeiros leitores e o cuidado com que as cartas serão lidas, às vezes respondidas, nossa escrita acaba por revelar uma afetividade com o destinatário que pode nos dar pistas de como contamos os processos experienciados durante as várias etapas da pesquisa. De alguma forma concordamos que além de nos tirar de momentos onde aparentemente a criação da pesquisa trava, uma das grandes contribuições dessa linguagem intimista está na escrita de nossa implicação com o tema central que nos move: uma educação para as relações étnico-raciais. Pensando sobre isso decidimos realizar duas cartas que contam como nos aproximamos e optamos pelo campo das relações étnico-raciais.

CARTA...

Nilópolis, 23 de novembro de 2017. Cara amiga,

Espero que essa carta lhe encontre com alegria. Hoje preciso escrever-te para contar alguns movimentos que os meses de pesquisa no mestrado acadêmico tem me proporcionado, principalmente com relação à um dos campos centrais da minha pesquisa: as relações étnico-raciais.

Uma pergunta tem ressoado em meus ouvidos desde a entrevista do processo seletivo para o mestrado, no final de 2016. Durante a banca de seleção estavam presentes os professores Luis Fernandes e Valter Filé. Fiquei muito apreensiva durante toda a apresentação do pré-projeto, ao final, o professor Luis se encarregou de fazer as perguntas sobre a proposta de pesquisa. Dentre todas elas, da última não me esqueço: “E se alguém te perguntasse: Por que você, uma pessoa branca, se interessa por pesquisar as relações étnico-raciais?” Confesso que fiquei um pouco chocada e não me recordo o que respondi. Ainda hoje essa pergunta me provoca um desassossego. O receio de ser julgada por não saber o que é na pele ser afetada pelo racismo sempre andou comigo e faziam as palavras pipocarem desastrosamente.

Mais uma vez as orientações coletivas me guiam na pesquisa. Meu orientador solicitou que eu anunciasse oralmente a implicação que eu estava amarrando com as relações étnico-raciais. Narrei um acontecimento que ocorreu no início do ano letivo de 2014 em Japeri, onde comecei a trabalhar como Orientadora Pedagógica de uma escola

⁴ Encontros semanais no IM/UFRRJ, nos quais tecemos nossos textos e nossas pesquisas. Aqui, todos podem contribuir com sugestões, implicações, perguntas etc. Um dos *espaços tempos* em que vivenciamos a dimensão coletiva da produção de conhecimento.

municipal. Quando cheguei à escola e os alunos foram se aproximando percebi o quanto a questão estética era para eles uma diferença forte a ponto de verbalizarem “Como seu cabelo é lindo? ”; “Grazi, posso pegar no seu cabelo? ” Eu não entendia o alvoroço que meu cabelo causava, principalmente, em algumas meninas. Aos poucos fui percebendo que muitos alunos não se percebiam como negros e reproduziam racismo com os que apresentam a pele com pigmentação mais escura e o cabelo mais crespo. Até esse momento eu nunca havia me dado conta de que minha aparência me assegura privilégios. Hoje me pergunto como posso ter sido tão cega?

As relações étnico-raciais envolvem toda a sociedade, brancos e negros compõem as relações étnico-raciais do Brasil. Minha busca está na necessidade de entender os privilégios que encarno há vinte e seis anos sem me dar conta da reprodução de racismo. Desejo acompanhar as pistas que me levam a compreender: como foi possível tantos anos de olhos vendados sem admitir o lugar de privilégios que eu e todas as pessoas de pele branca e cabelos lisos estamos nessa relação? Como lidar com as resistências que permeiam os intentos por uma educação das relações étnico-raciais?

Uma pesquisa implicada como essa que rascunho se renova a cada articulação a cada elemento que costuro para dar a ver tanto a dificuldade de questionar o que é tido como norma, e por isso ocupa um lugar de privilégios, como as resistências que encontramos para desnaturalizarmos e possibilitarmos uma educação que valorize as histórias e culturas dos povos ancestrais.

Espero, minha amiga, fazer desse processo de pesquisa um auto-reconhecimento que revele não só as questões aqui rascunhadas, mas também seus desdobramentos. Tudo está em vias de alterar-se!

Por hora despeço-me de ti, mas não sem antes agradecer a leitura atenta e generosa que sempre me concedes.

Um abraço apertado

Graziele Lira

CARTA...

Maricá, 08 de dezembro de 2017 Querida amiga,

Hoje, dentro do ônibus voltando para casa depois de um dia produtivo retomo a leitura de um texto que há algum tempo já havia lido. Contudo, uma leitura nunca é igual a outra. Talvez, porque a leitora também não seja a mesma. (risos)

Então... Neste universo do ônibus em que me encontrava, sim, porque viajar para mim torna-se sempre um convite irrecusável à outra viagem, a do pensamento. Talvez esta última viagem me fez desejar escrever-lhe.

Por vezes até me pergunto: escrevo a você, ou a mim mesma? Diante desta pergunta, vem à minha lembrança um trecho de Sêneca que li no texto de Foucault (1983). Diz o seguinte: “O traço de uma mão amiga, impressa nas páginas, proporciona o que há de mais doce na presença: reconhecer”. Talvez, as cartas tenham um pouco disso. Uma escrita ao outro, mas que no momento de sua elaboração, de seu rascunhar, fala aos nossos próprios ouvidos. Como se, nós remetentes, fôssemos os primeiros destinatários.

Meu desejo nesta carta é contar-lhe de algumas experiências que vem acontecendo comigo há algum tempo, neste tempo em que diminui a frequência de correspondência contigo.

Há algum tempo você havia me presenteado com uma foto, lembra? Nesta foto havia muitas imagens: a imagem superficial (a de um cartão de aniversário) e, as imagens (in)visíveis - que para mim foram as mais apaixonantes!- Nestas imagens (in)visíveis havia sua amiga como modelo e uma bela praia de fundo, a praia de Botafogo. Isso eu não conseguia ver com meus olhos, mas foi a imagem desenhada pelas suas generosas palavras.

Lembro-me até hoje de sua pergunta após narrar tal imagem: “Olha Leidiane! Está vendo?” E, esta pergunta ressoa constantemente em meus ouvidos. Ela me fez perceber a minha própria cegueira, ainda que tivesse olhos. Percebi tão logo a cegueira quanto à minha negritude, quanto às minhas raízes.

Como se o véu da “brancura luminosa” (todas as minhas certezas e conhecimentos a priori a cerca do mundo) tivesse visibilizado minha vida enquanto mulher negra. Naquele momento, como em um afã por enxergar para além daquilo que achava que via, fechei os olhos. Fechei-os e vi. Vi que toda a minha família materna era negra, contudo não se reconheciam porque achavam que ser negro era algo ruim, de pouca importância. Vi também que esta negação não era apenas deles, mas era fruto de uma série de privação de direitos sociais, econômicos e políticos por quais negros e pobres enfrentam em nosso país.

Esse olhar mudou minha visão em relação ao mundo e às minhas ações enquanto professora, pesquisadora, mãe, amiga, companheira... Seguindo esta paixão, componho minha formação agora no doutorado. Nele, venho desenhando um desejo de pesquisa que pretende pensar a formação como um gesto de autoeducação, como um cuidado que

temos com a própria vida, não somente a minha vida, mas a vida como um todo, como um ato de responsabilidade ética e política para consigo e com o outro, talvez... a formação para a vida pública, voltada para o coletivo, para algo muito maior que interesses e sonhos particulares. Pensar esta formação nos requer pensar e problematizar as relações que nos constituem e nos formam, transformam.

Diante desse desejo surgem algumas perguntas, talvez você me ajude a continuar perguntando-as: Nosso país, um lugar de misturas culturais, religiosas e étnico-raciais. Como compreendemos estas composições étnicas em nossa formação? Percebemos as cegueiras que influem no cotidiano de nossos gestos na educação? Afinal, sabemos que somos cegos?

Enfim, nesta noite que finda a primeira semana de dezembro, deixo-lhe com estes meus pensamentos, ainda que em processo de maturação... Pensamentos inquietantes... interrogantes (ao menos para mim - risos-)

Aproxima-se o Natal... e de todo, não sei se escrever-lhe foi mais um presente a você ou a mim. Mas, agradeço sua presente companhia, ainda que por cartas... Agradeço seus generosos gestos de atenção, cuidado e amizade com que apresentara-me aquela foto (in)visível.

Um forte abraço de saudade, carinho e gratidão,

Leidiane Macambira

O QUE DIZER DOS EFEITOS DE ESCREVER CARTAS? EXISTEM REGRAS PARA SUA ELABORAÇÃO? QUE REALIDADES ENTRAMAMOS COM OS FIOS DE NOSSAS PESQUISAS?

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos de algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. ("A moça Tecelã" Marina Colassanti)

Uma linda poesia que nos ajuda a refletir nossas escritas e ações enquanto gestos ético-estético-político na academia e na educação. Perguntamo-nos: Existem regras para uma escrita epistolar?

A moça tecelã, de Marina Colassanti, pode nos ajudar a fazer proliferar essa pergunta quando em seus dias escolhe cores, temperaturas e texturas de fios para tecer

entardeceres, chuvas, luas e nasceres do sol. Sabe de sua responsabilidade de tecer e criar realidades.

Tal como a moça tecelã, criamos realidades quando tecemos narrativas com nossas palavras. E, estas realidades contribuem ou sucumbem as múltiplas singularidades de pessoas negras, pobres, com deficiências, mulheres, trabalhadores, idosos na escola ou na formação de professores? Com algumas perguntas iniciamos este texto, e com mais outras perguntas interrompemos sua escrita e colocamos um ponto final.

Acreditamos, portanto, que elas continuarão ecoando efeitos tanto em nós, quanto naqueles que se dispuserem a doar algum tempo de seu dia para estar conosco, lendo nosso artigo... Sendo, por alguns instantes, nossos destinatários... nossa querida amiga.

E, como em uma carta, encerramos esta conversa...

Um forte e generoso abraço,
Graziele e Leidiane

INTERLOCUTORES

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011. (2ª edição).

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. São Paulo: Global Editora, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Por hoje é só. Cartas entre amigas*. In: BASTOS, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, M.C.V. (Org.). *Destinos das letras – história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. A arte da conversa (epílogo). IN: SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Una lengua para la conversación. In: *Revista Educación y Pedagogia*. v.18, 2006. Disponível em:

<<http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeypp/article/viewFile/19062/16285>>. Acesso em: 23 de out. 2017.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989. Disponível em:

<<http://www.pcsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acessado em: 25 de out. 2017.